

Oralidade e escrita: a articulação de cláusulas no processo de retextualização em português*

Maria Beatriz Nascimento Decat**

Resumo



presente estudo investiga a articulação de cláusulas em português, dentro do processo de retextualização, na passagem de textos orais para escritos e de textos escritos para outros também escritos, com ou sem mudança de gênero textual. É dado enfoque às operações que seguem regras de transformação, através de estratégias de substituição, acréscimo, reordenação e condensação. Analisando especificamente as relações de caráter adverbial, procura-se verificar de que maneira as proposições relacionais desse tipo que emergem no texto-base são mantidas no texto-final e como elas ali se realizam lingüisticamente.

* Uma versão resumida deste artigo foi apresentada em comunicação no XLIX SEMINÁRIO DO GEL, em Marília, SP, maio de 2001.

** Profa. Adjunta de Lingüística da UFMG, aposentada, atuando como professor voluntário junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos.

Introdução

Dando prosseguimento a estudos que realiza já há algum tempo, Marcuschi (2001) propõe um modelo de análise para um processo denominado “retextualização”, que consiste na transformação, ou passagem, de um texto para outro, transformação essa que “envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido” (Marcuschi 2001:46). Quando se trata de passar um texto oral para a modalidade escrita, não se deve entender isso, como aponta aquele autor, como uma “passagem do caos para a ordem” mas como “a passagem de uma ordem para outra ordem” (op.cit.:47). Seja na transformação do oral para o escrito, ou do texto escrito para outro escrito, o processo é complexo, envolvendo variação de registros, de gêneros textuais, de níveis lingüísticos e de estilos. Ultrapassando uma etapa inicial de idealização (ou regularização) lingüística, esse tipo de transformação faz uso de operações que afetam o estilo, a sintaxe e o léxico. A conversão de um texto em outro exige algumas adaptações para que a **compreensão** e o entendimento do novo texto produzido sejam possíveis, o que tem a ver com o **aspecto cognitivo** envolvido no processo de retextualização (no qual estão também envolvidos aspectos lingüístico-textual-discursivos, segundo Marcuschi).

Dentre as diferentes operações propostas no modelo de Marcuschi (2001), a pesquisa que venho desenvolvendo¹ trabalha com as que constituem o que ele chama de **regras de transformação** (as outras são as de idealização lingüística). Procuo verificar como se processa a combinação (ou articulação) de orações na atividade de transformação de um texto em outro pelo usuário da língua, ou seja, verificar de que maneira se articulam as orações dentro do processo de retextualização. Assim, estão sendo investigadas que **estratégias** (substituição, acréscimo, reordenação, condensação, etc., que caracterizam o processo de retextualização) são utilizadas pelo(s) retextualizador(es) em cada etapa do processo. Mais especificamente no caso da combinação de orações (em que focalizo principalmente aquelas orações que manifestam uma relação adverbial), a pesquisa tem procurado verificar, a partir de uma descrição preliminar das ocorrências de combinações oracionais:

- a) que operações/estratégias se repetem no percurso;
- b) como se dá a reconstrução/reordenação sintática;
- c) se as relações semânticas existentes entre as orações são mantidas, ou não, e de que forma, ou seja, como se materializam lingüisticamente no produto final (ou texto-final);
- d) como se dá a seleção de novas/diferentes estruturas oracionais (por fusão, ou não, de unidades informacionais²).

¹ Essa pesquisa está inserida num projeto maior intitulado “Oralidade e Escrita: processos e estratégias”, que vem sendo desenvolvido pela autora já há algum tempo. Vinculado anteriormente ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas, o projeto vem tendo continuidade na UFMG, dentro de linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos. O projeto conta com a participação de alunos de pós-graduação bem como ex-alunos cujas dissertações, já defendidas, versaram não só a questão da relação oral/escrita como, principalmente, a articulação de cláusulas e a retextualização.

² Tendo Chafe (1980) como seu criador, a expressão “unidade informacional”, ou “unidade de informação” (*Idea unit*) foi por mim adotada em outros trabalhos (cf. Decat 1999, 2001), designando, de acordo com Chafe (apud Decat 1999:27), um “jato de linguagem que contém toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único foco de “consciousness” (ou “estado de consciência”, conforme Kato 1985:35)”. Dentre os fatores que caracterizam essa unidade está, segundo Chafe, o de ela tender a se caracterizar como constituindo uma única cláusula (ou oração).

Enfim, o objetivo geral que a presente pesquisa vem perseguindo é o de verificar como a combinação de orações pode estar a serviço dos diferentes propósitos comunicativos quando da organização/reorganização de um texto. Por exemplo, interessa saber o que leva ao uso da estratégia de condensação, que fator sintático-discursivo ou pragmático leva à reordenação, ou à substituição de uma estrutura por outra. Em outras palavras, a descrição efetuada até este momento da pesquisa objetiva explicar como as orações se tornaram objeto dessas transformações/operações/estratégias para servirem a funções discursivo-pragmáticas de **tópico, fundo, guia**, etc., atendendo aos objetivos do usuário dentro de um processo de retextualização.

1 O corpus de análise

O *corpus* para a análise foi constituído por quatro *subcorpora* assim caracterizados: **a)** dados obtidos de uma Sessão Plenária do Tribunal de Contas de Minas Gerais – e que aqui considero, fundamentada nas postulações de Marcuschi (em preparação), como pertencentes ao gênero **ata** (ou **relato científico**), no caso do texto escrito; e ao gênero **discussão**, para os dados orais, dentro do domínio discursivo. Aqui serão discutidos alguns trechos retirados da análise de Rosa (2000), em que a autora examina a retextualização de forma abrangente, do oral para o escrito e discutindo todas (ou quase todas) as operações detectadas no *corpus* da Sessão Plenária.³; **b)** dados obtidos do *corpus* utilizado por Diniz (2002) para a análise de retextualizações escritas a partir de um texto-base também escrito. Em sua análise a autora examina, de uma maneira global e fundamentada principalmente nas relações semânticas postuladas por Halliday (1985/1994), o processo de articulação de cláusulas, numa abordagem funcionalista. Os dados por ela examinados foram obtidos de retextualizações de alunos de 2º grau, a partir de um texto-base escrito e uma retextualização escrita, e com variação de gênero textual, como será apontado mais adiante; **c)** dados obtidos de um conjunto de retextualizações feitas a partir de um excerto⁴ de entrevista do Projeto NURC-SP. Nesse caso, a retextualização envolveu mudança de gênero, bem como de modalidade (oral/escrita), uma vez que, do texto-base oral, no gênero **entrevista/inquérito**, obteve-se um texto final escrito, no gênero **relato**⁵; **d)** dados obtidos de narrativas espontâneas orais (narrativas de experiência pessoal), feitas por professores universitários, e retextualizadas, logo após sua produção oral, para a modalidade escrita. Esses dados constituíram parte do *corpus* trabalhado por Decat (1993) para a análise da hipotaxe adverbial no português em uso.

Serão discutidos, portanto, aqui, excertos de retextualizações que envolviam várias etapas e vários retextualizadores (*subcorpus a*); outras que se davam do escrito para o escrito, com mudança de gênero (*subcorpus b*); e, finalmente, a retextualização do oral para o escrito, com e sem mudança de gênero (*subcorpora c e d*).

³ Ressalto que, no presente trabalho, só vou tratar das operações em que está envolvido o processo de articulação de orações.

⁴ Excerto extraído do Inquérito nº 360 (diálogo entre dois informantes – D2), Bobina 137, Informantes nº 472 e 473, linhas 25-62, págs. 137-137 de Castilho & Preti (1987)

⁵ Tais retextualizações foram executadas por pós-graduandos em cursos por mim ministrados na UFMG.

2 Estratégias de retextualização e a articulação de cláusulas na língua oral e na língua escrita

As operações envolvidas nos dados sob análise evidenciaram a aplicação das seguintes estratégias (ou grupos de estratégias):

- a) condensação *versus* desdobramento;
- b) reformulação objetivando explicitude *versus* reformulação manifestando implicitude (\pm condensação);
- c) reformulação da estrutura sintática com objetivos pragmáticos.

A estratégia de **condensação** serve ao “agrupamento de argumentos condensando as idéias” (cf. Marcuschi, 2001:75).

2.1 Retextualizações do oral para o escrito com mudança de gênero

Os exemplos a serem analisados a seguir contêm, em si, dois tipos de retextualização:

- a) uma retextualização em que se mantém o gênero **discussão**, realizada em duas etapas, indo do oral (transcrito de acordo com as normas do Projeto NURC), passando pela transposição (ou ‘transcodificação’, segundo Marcuschi 2001), em que o taquígrafo passa as “notas taquígráficas” para o código lingüístico português;
- b) uma retextualização, como uma etapa subsequente às duas anteriores, em que há mudança do gênero **discussão** para o gênero **ata** (ou **relato científico**); ou seja, sobre o texto já escrito e já transformado – pois o próprio taquígrafo elimina alguns elementos típicos da oralidade, ou marcas interacionais – o revisor faz a sua retextualização que, de modo geral, vem a constituir o texto final.⁶

Observe-se o exemplo abaixo⁷:

(1)

TEXTO ORAL	TAQUÍGRAFO	REVISOR
F3: é duzentos e cinquenta...eu também tô de acordo com VX F1: essas a	F3: pune a metade...livra a metade	Estou de acordo com o Conselheiro XV: punição pela metade

(*apud* Rosa 2000)

Na trajetória do exemplo acima, observa-se o uso da estratégia de condensação, que transformou duas cláusulas numa estrutura nominalizada.

⁶ Há casos em que há mais uma retextualização, feita, nesse caso, pelo Conselheiro autor da fala. Para maiores detalhes, consulte-se Rosa (2000).

⁷ As reuniões do TCMG eram taquígrafadas, atividade para a qual é exigido o máximo de fidelidade às falas. Após a transcodificação das anotações do taquígrafo, o texto sofria uma outra retextualização, dessa vez pelo revisor, cujo papel era o de colocar o texto na forma mais próxima da língua padrão, sem prejuízo do conteúdo.

Em outras palavras, de duas unidades informacionais (que significavam, exatamente, a mesma coisa) originou-se uma unidade informacional constituída por uma nominalização. Tal estratégia contribuiu, assim, para um ‘enxugamento’ do texto, proporcionando uma maior aproximação com o padrão culto da modalidade escrita. Pode-se, ainda, dizer que o objetivo de tal estratégia na retextualização efetuada pelo revisor foi o de eliminar a redundância exibida pelo conteúdo das duas orações. Houve, então, uma **fusão**, que não trouxe qualquer prejuízo ao conteúdo semântico do texto.

O mesmo tipo de objetivo sintático-semântico-discursivo – qual seja o de evitar equívoco na construção do sentido – é evidenciado por uma estratégia de certa forma oposta à condensação: o **desdobramento** de uma unidade de informação em mais de uma, como exhibe o exemplo (2) a seguir:

(2)

TEXTO ORAL	TAQUÍGRAFO	REVISOR
F2: conta pública não tem prescrição	F2: conta pública, não tem prescrição	F2: É, conta pública. Não há prescrição

(*apud* Rosa 2000)

É interessante observar que, na retextualização acima, houve o desdobramento de uma oração em duas. Uma possível explicação para esse fato seria a de que, na verdade, não se tem ali uma única unidade de informação, mas duas. E tal fato já é, de alguma forma, percebido pelo taquígrafo ao fazer a transcodificação do texto oral: ele insere uma marca de pontuação – a vírgula – logo após o sintagma *conta pública*, evidenciando a sua **função tópica**. Ora, o tópico constitui, muitas vezes, uma informação à parte do comentário que dele se faz. Tal ‘intuição’ do taquígrafo acaba sendo registrada pelo revisor, que, para manter o mesmo sentido construído quando de sua leitura do texto do taquígrafo, transforma a seqüência em duas unidades independentes, por constituírem, cada uma, uma informação à parte. Ora, mesmo estando separadas em duas unidades informacionais – no caso, em duas orações – estabelece-se entre elas uma relação semântica de causa-conseqüência (‘porque é conta pública não há, conseqüentemente, prescrição’), ou justificativa, nos moldes tratados não só por Halliday (1985/1994) como também por Mann & Thompson (1983) e Matthiessen & Thompson (1988); ou, ainda, uma relação de MOTIVO (cf. Decat 1993 e 2001). Segundo Mann & Thompson (1983), mantém-se entre essas orações uma relação a que eles denominam **proposição relacional**, que reflete o significado que emerge entre elas. Assim, essa estratégia de desdobramento serve, ao que tudo indica, à completude dos enunciados, dando origem, portanto, a uma nova estruturação.

Também é a estratégia de condensação que vai explicar a transformação de uma estrutura oracional retextualizada num sintagma simples, como no exemplo 3:

No caso a seguir, o revisor efetua uma estratégia de retextualização que transforma uma oração (*e ir aumentando a multa*) num adjunto adverbial (*com muitas crescentes*) materializado lingüisticamente como um sintagma simples preposicionado (prep. + SN). Em outras palavras, trata-se, novamente, de uma estratégia de nominalização (embora com efeitos diferentes da que foi mostrada

no exemplo anterior, em que houve uma nominalização lexical, com o verbo “punir” dando origem ao substantivo “punição”). Aqui houve a nominalização da estrutura, ou seja, passou-se de uma oração para um sintagma simples; ou, se se preferir, de um sintagma complexo (que é a oração) para um sintagma simples. Pode-se dizer que, nos exemplos mostrados acima, a mesma estratégia transformou as estruturas que passaram a ter a função sintática necessária e adequada aos objetivos discursivos do texto. É a sintaxe servindo ao discurso.

(3)

TAQUÍGRAFO	REVISOR
F1: Porque se ele não cumprir nem no 1º, nem no 2º ele teria que ser multado	F2: Porque se não cumprir nem no primeiro, nem no segundo, o prefeito deve ser penalizado.
F2: Efeito cascata	F2: Efeito cascata
F1: <u>...e ir aumentando a multa até ele cumprir. Se ele não cumpriu relativamente ao primeiro trimestre, 500 UFIR, 2º trimestre, mais 500 UFIR</u>	F2: <u>...com multas crescentes, até ele cumprir. Se ele não cumpriu relativamente ao primeiro trimestre, 500 UFIR, segundo trimestre, mais 500 UFIR;</u>

(*apud* Rosa 2000)

Observe-se ainda, no exemplo (3) acima, o uso da estratégia de **reformulação objetivando explicitude**. O revisor recupera, em sua retextualização, a relação adverbial implícita de condição, detectada no texto do taquígrafo e explicitada pela oração adverbial condicional *Se ele não cumpriu relativamente ao primeiro trimestre*. Melhor dizendo, a **proposição relacional de condição** que emerge entre as partes *Ele não cumpriu o 1º trimestre e 500 UFIR* é explicitada pelo revisor. O mesmo acontece no exemplo (4) a seguir,

(4)

TAQUÍGRAFO	REVISOR
Conselheiro, eu estou entendendo o Conselhoiro, <u>eu quero só dar um exemplo...</u>	Conselheiro, entendi V.Exª, <u>mas quero dizer o seguinte:</u>

(*apud* Rosa 2000)

em que a relação de oposição (contraste) é explicitada no texto do revisor, realizada lingüisticamente aí por uma oração adversativa.

A reformulação para atender às necessidades discursivas de explicitação dá origem, no exemplo (5) abaixo, a uma estrutura caracterizada como **expansão por ‘realce’**, nos termos de Halliday (1985/1994). A oração condicional expande, portanto, a oração-núcleo com a qual ela mantém uma relação de **satélite**, conforme postulam Matthiessen & Thompson (1988).

(5)

TEXTO ORAL	ESCRITO(TAQUÍGRAFO)	ESCRITO(REVISOR)
mas não cumpriu faz a tomada de contas	Mas não cumpriu, faz a tomada de contas	Mas <u>se não cumpriu...</u>

(*apud* Rosa 2000)

Mais uma vez a intuição do taquígrafo leva-o a registrar, através da pontuação (a vírgula separando as orações), esse tipo de relação.

A estratégia de reformulação se faz presente também quando o objetivo é o de 'condensar' as informações. Observe-se, por exemplo, o trecho abaixo:

(6)

TEXTO ORAL	TAQUÍGRAFO	REVISOR
F2: não...quando vossa excelência respondeu JÁ estava/...já es/...no DIA que vossa excelência (trouxe) o processo a:: a sessão eu pedi vista	F2: <u>Quando V.Ex^a respondeu já estava, no dia em que V.Ex^a trouxe o processo à sessão,</u> eu pedi vista...	F2: <u>V.Ex^a trouxe o processo à sessão,</u> eu pedi vista.

(*apud* Rosa 2000)

Comparando o texto do taquígrafo com a retextualização do revisor, à primeira vista pode-se aventar a eliminação, no texto do revisor, da relação temporal explicitada no texto do taquígrafo (bem como no oral transcrito). Entretanto, essa eliminação é só aparente, como também 'aparente' é a coordenação exibida pela nova estrutura. Nessa transformação, ocorreu uma substituição do processo de subordinação pelo de coordenação, sem que isso tenha causado prejuízo ao conteúdo semântico veiculado pela estrutura de origem. Essa reconstrução sintática tornou, portanto, implícita a relação temporal, numa aparente coordenação assindética. Talvez se possa atribuir a essa estrutura derivada da retextualização o caráter de 'realce' paratático.

Uma situação interessante é a que exhibe o trecho exemplificado a seguir:

(7)

TEXTO ORAL	TAQUÍGRAFO	REVISOR
F2: pois é...mas...o::o conselheiro...eu acrescento a reforma administrativa e (acrescento) também que vossa excelência num...a inconstitucionalidade do:: da resolução... <u>que vossa excelência num <u>deu</u> por inconstitucionalidade...</u> vossa excelência	F2: Conselheiro, acrescento a reforma administrativa e, também, a inconstitucionalidade da resolução, <u>que V.Ex^a não deu por inconstitucionalidade.</u>	F2: Conselheiro, acrescento a Reforma Administrativa e, também, a inconstitucionalidade da resolução. <u>V.Ex^a não deu por inconstitucional a resolução.</u>

(*apud* Rosa 2000)

Nele tem-se a seguinte situação: uma oração relativa apositiva, do texto oral, é mantida como tal pelo taquígrafo, mas sofre uma alteração significativa no texto final, exibindo-se como uma oração absoluta. O rearranjo sintático aí ocorrido deu origem a uma estrutura semelhante ao **adendo**, mantendo a noção de aposto exibida pela oração relativa. De uma certa

forma, tal rearranjo resultou numa **condensação**, uma vez que deixa implícita a relação apositiva mantida pela estrutura original. Detecta-se aí, portanto, uma relação de **expansão por elaboração paratática**, no caso da estrutura final. Já a estrutura do texto-base configura-se como uma **expansão por elaboração hipotática**. A opção pelo uso dessa estrutura decorre de objetivos comunicativos e pragmáticos, promovendo-se, portanto, o uso destacado da estrutura.

A reformulação da estrutura sintática com objetivos pragmáticos pode ainda ser vista no trecho abaixo:

(8)

TEXTO ORAL	ESCRITÓRIO (TAQUÍGRAFO)	ESCRITÓRIO REVISOR
F5: na outra consulta...é (mas se) vossa excelência julgou inconstitucional... então é importante estabelecermos TAMBÉM...MAIS esse limite...	F5: Na outra consulta, <u>em em que V.Exa. julgou inconstitucional</u> , é importante, também, estabelecermos mais este limite.	F5: <u>Como V.Exa. julgou inconstitucional</u> , é importante estabelecermos, também, mais esse limite.

(*apud* Rosa 2000)

Aqui ocorreu uma situação em que a oração relativa apositiva – cujo caráter parentético já se pode perceber no texto oral (vem entre pausas) – deu lugar, na retextualização pelo revisor, a uma oração causal (ou, em termos de Decat 1993, uma oração que manifesta a relação de MOTIVO). Ora, nesse caso a reestruturação provocou uma alteração semântica. E mais: ao ser colocada em posição inicial, a oração “Como V.Exa. julgou inconstitucional” está servindo a objetivos pragmáticos, funcionando como **guia**, como **orientação** para o discurso subsequente. Também pode ser ressaltado o caráter **tópico** dessa construção. O que aqui ocorreu assemelha-se ao evidenciado pela retextualização apresentada no exemplo (7).

2.2 Retextualizações do escrito para o escrito com mudança de gênero

Um segundo conjunto de dados de retextualização foi submetido à presente análise. Trata-se de dados retirados de Diniz (2002). Nesse trabalho, a autora submeteu o texto “**Poema tirado de uma notícia de jornal**”, de Manuel Bandeira, a várias retextualizações realizadas por alunos de 2º grau. Foram retextualizações do escrito para o escrito, das quais foram selecionadas, para a presente análise, aquelas que representavam mudança de gênero. Assim, essa atividade consistiu na transformação de um poema – o texto-base – para o gênero **notícia jornalística**, texto final.

Dadas as limitações deste artigo, foram selecionadas para discussão a relação adverbial temporal e a relação retórica de **seqüência**, nos termos de Matthiessen & Thompson (1988). Procura-se apontar, aqui, as diferentes realizações lingüísticas dessas relações e a maneira como elas são ‘resgatadas’ na retextualização, quando implícitas no texto-base.

O quadro que se segue contém, do lado esquerdo, o poema objeto das retextualizações; e, do lado direito, as diferentes manifestações lingüísticas das relações detectadas no texto-base.

Oralidade e escrita:
a articulação de
cláusulas no processo
de retextualização em
português

Quadro 1 – Relações temporais e seqüenciais na retextualização do texto de Manuel Bandeira

TEXTO-BASE	TRECHOS DAS RETEXTUALIZAÇÕES
"Poema tirado de uma notícia de jornal"	1. " <u>Depois de ter bebido</u> ⁹ , um fato estranho aconteceu naquela noite" (TJF1)
João Gostoso era carregador de feira livre e [morava no morro da Babilônia num [barracão sem número.	2. "Se atirou no lago, <u>após ter ingerido uma grande quantidade de álcool no bar vinte de novembro</u> " (TJF9)
Uma noite ele chegou no bar Vinte de [Novembro	3. " <u>depois de beber, cantar e dançar no bar vinte de novembro</u> ele se atirou na lagoa" (TJF11)
<u>bebeu</u> ⁸	4. " <u>Depois de beber muito cantar e dançar, atirou-se...</u> " (TJF23)
<u>cantou</u>	5. " <u>Depois de se divertir e beber muito no bar Vinte de Novembro</u> , ele se jogou na lagoa." (TJF35)
<u>dançou</u>	6. " <u>Logo após todo aquele festejo</u> "..... (TJF44)
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de [Freitas e morreu afogado.	7. " <u>Após a farrá, saiu do bar</u> "..... (TJM1)

Considerando que a atividade de retextualização envolve basicamente a compreensão, é possível dizer, com base nos dados acima apresentados, que os retextualizadores captaram, em sua maioria, a relação temporal decorrente da seqüenciação dos fatos (primeiro ele 'bebeu', depois 'cantou', depois 'dançou'; e depois de tudo isso, "se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas"). Em outras palavras, postula-se que a relação semântica – a **proposição relacional**, nos termos de Mann & Thompson (1983) – de tempo foi construída a partir da ocorrência de estruturas que mantinham, entre si, uma relação de **seqüência**, conforme as postulações de Matthiessen & Thompson (1988).

De uma relação paratática no texto-base originou-se, nas retextualizações de modo geral, uma estrutura hipotática de '**realce**' (*enhancement*, segundo Halliday 1985/1994), constituindo uma das formas de **expansão** da estrutura com a qual ela se relaciona.

A utilização de uma oração adverbial temporal revela a função pragmática de **ponte de transição** e de **retomada** da informação anterior. Os trechos arrolados no Quadro 1 evidenciam uma retomada **anafórica**, algumas vezes resumidora do conjunto de informações veiculadas pelo texto-base, como comprovam os trechos 6 e 7, principalmente. No texto-base não há essa retomada. A seqüência de fatos se desenvolve codificada em um conjunto de estruturas justapostas (de valor coordenativo), numa escala que pode ser assim representada:

chegou =====> **bebeu/cantou/dançou** =====> **atirou-se na lagoa**

Então, o sintagma adverbial *Logo após todo aquele festejo* está ao mesmo tempo retomando os fatos expressos pelos verbos "beber", "cantar" e "dançar" e resumindo-os no sintagma *todo aquele festejo*. É como se se dissesse "Logo

⁸ Grifos meus
⁹ Grifos meus

após beber, logo após cantar, logo após dançar”, em que se configuraria a relação de **lista**, lista essa que, constituindo um conjunto de itens (no caso, orações) em **relação paradigmática**, por sua vez codifica o **satélite** da relação núcleo-satélite manifestada por toda a estrutura em que se encontra o sintagma adverbial.

Em outras retextualizações ocorreu o uso de orações que também codificam a relação temporal sem que, no entanto, constituam uma **ponte de transição**, numa retomada **catafórica** da informação veiculada anteriormente. Em outras palavras, de modo geral manteve-se a ocorrência paratática como no texto-base.

Esse caráter catafórico de **guia** é evidenciado, ainda, numa ocorrência como

(9) “*ao sair do bar foi para a Lagoa se atirou e morreu afogado*” (TJF44)

em que a oração adverbial temporal, de forma nominal, remete para o discurso subsequente, na forma do esquema abaixo,

ao sair do bar =====> **1. foi para a Lagoa**
2. se atirou
3. morreu afogado

onde se tem uma relação de **seqüência** entre as orações **1-3**, e não uma **lista**.

Da mesma forma evidencia-se uma função anafórica e catafórica da oração temporal reduzida na ocorrência **(10)**:

(10) “Após ter chegado começou a dançar e beber” (TJM10)

2.3 Retextualizações do oral para o escrito, com e sem mudança de gênero

A seguir é apresentada uma amostra da análise dos dados obtidos nas retextualizações efetuadas por alunos de pós-graduação. Também nesse caso foram solicitadas duas atividades de retextualização: a) de entrevista oral (D2 – diálogo entre dois informantes) para uma entrevista escrita; b) de entrevista oral (a mesma utilizada para a primeira atividade) para um texto do gênero **relato**.

Segue-se a reprodução do texto-base, retirado de Castilho & Preti (1987), conforme referido anteriormente neste artigo.

(11)

L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::... então ach/ acho
que::...dado esse fator nos acostumamos a::muita gente¹⁰

L2 ahn ahn

L1 e::

L2 e daí o entusiasmo para Nove filhos...

L1 exatamente nove ou dez...

L1 [

L2 ()

L1 é e:: mas...depois diante das dificuldades de conseguir quem me

¹⁰ Grifos meus

- ajudasse...nó::s paramos no sexto filho...
L2 ahn ahn
L1 não é?...e...estamos muito contentes e...
L2 e dão muito trabalho tem esses esses problemas de juventude esses negócios ()
(não está muito na idade né?)
[
L1 não por enquanto não porque...estão entrando na as
mais velhas estão entrando agora na adolescência e...
[
L2 ()
L1 mas são muito acomodadas...ainda não começaram assim...aquela fase...chamada de...mais difícil de crítica
[
L2 (chamada mais difícil)
L1 né?
L2 ahn ahn
L1 ainda não...felizmente (ainda não) começaram
L2 ()
L1 agora...eu acho que:... eu... esperamos que não:: haja maiores problemas
L2 ahn ahn
L1 com o avançar dos anos...enfim...o futuro
[
L2 ()
L1 pertence...
L2 ah
L1 a Deus e não...a nós

(Projeto NURC/SP, Inquérito nº 360, Bobina 137,
Informantes nº 472 e 473, linhas 25-62)

Em (11) estão grifados os trechos cujas retextualizações serão aqui discutidas.

De uma maneira geral, pode-se dizer que as relações semânticas inter-oracionais foram mantidas, na forma como se apresentaram inicialmente, na passagem da entrevista(D2) oral para a escrita. É interessante destacar, no entanto, o resultado da leitura que os retextualizadores fizeram da expressão *dado esse fator*, que se refere à seqüência *somos de famílias grandes*, manifestando uma proposição relacional aqui chamada genericamente de MOTIVO.¹¹

O conteúdo 'causal' dessa expressão deu origem a estruturas que revelavam reformulações lexicais e sintáticas. A reformulação por substituição pura e simples de elementos lexicais se deu na primeira retextualização, qual seja a da transformação da entrevista oral (D2) para a entrevista escrita. Já no

¹¹ Sob esse rótulo foram consideradas, em Decat 1993 e 2001, sem maiores distinções, as relações de 'causa', 'razão', 'justificativa', dentre outras.

caso da retextualização para o gênero **relato** escrito, ocorreram alterações mais profundas, com estruturação sintática significativamente diferente daquela do texto-base. Assim é que a relação de MOTIVO passou a ser, na maioria dos casos, representada lingüisticamente através de uma oração, caracterizada paratática ou hipotaticamente. Em outras palavras, a relação acima referida se manifesta seja através de uma oração adverbial causal – portanto, uma estrutura hipotática, que expande a oração-núcleo por meio de ‘realce’ – seja por meio de estruturas oracionais paratáticas sem qualquer marca dessa relação que está, por isso, implícita e emerge da contigüidade das estruturas.

O quadro abaixo exemplifica algumas dessas ocorrências nas retextualizações analisadas:

Quadro 2 – Exemplos de ocorrências nas retextualizações do texto do NURC

TEXTO-BASE ORAL	ENTREVISTA ESCRITA	RELATO ESCRITO	RETEXTUALIZADORES
“dado esse fator”	1. “por isso”	1. “Como eu e meu marido somos de famílias grandes”	R1
	2. “devido a esse fator”	2. “A informante 1 dizia que veio de uma família grande e que estava portanto acostumada a muita gente.”	R2
	3. “Devido ao fato de ter uma família muito grande”	3.-----	R3
	4. (= texto-base)	4. “porque vieram de famílias grandes”	R4
	5. (= texto-base)	5. “pois (ambos) descendem de famílias grandes”	R5
	6. “Acostumados com famílias grandes”	6. “Nós estávamos acostumados com famílias grandes”	R6
	7. “pois eu e meu marido somos de famílias grandes”	7. “pois eu e meu marido viemos de famílias grandes”	R7

Uma outra passagem do texto-base que merece comentário é a que está exposta em (12) abaixo:

(12) “mas...depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nós::s paramos no sexto filho...”

Na retextualização da entrevista oral para a entrevista escrita o trecho foi mantido, quase sempre, em sua íntegra. No texto do gênero **relato** a idéia ‘causal’ – que está contida no trecho, além de uma relação de contraste (“mas”)

– foi explicitada por meio de orações de MOTIVO, com marcas formais conectoras diversas, como, por exemplo, as ocorrências abaixo:

(13) “o casal teve que parar no sexto filho porque teve dificuldades para conseguir alguém que lhe ajudasse” (R2)

(14) “como não conseguíssemos ninguém que nos ajudasse” (R1)

ou por meio de orações reduzidas como:

(15) “paramos no sexto por causa das dificuldades e também por não ter ninguém para nos ajudar” (R10)

ou, ainda, por estruturas nominalizadas como a do texto-base:

(16) “pelo fato de o casal não dispor de ninguém para auxiliá-la” (R5)

(17) “devido às dificuldades de encontrar alguém para ajudá-la” (R8)

(18) “dada a dificuldade de conseguir pessoas para ajudar” (R12)

Um outro caso que merece destaque é o da estrutura a seguir, do texto-base,

(19) “porque...estão entrando na as mais velhas estão entrando agora na adolescência”

que manifesta a relação semântica de MOTIVO (causa/explicação/razão). De início, pode-se aventar a hipótese de que o item lexical “porque” seja um mero marcador discursivo, desprovido de carga semântica. Isso é o que estaria revelado nas retextualizações para a entrevista escrita. Nesse texto o conteúdo informacional veiculado pela estrutura em pauta foi realizado lingüisticamente por orações independentes, sem a presença desse ‘marcador’. Se a análise considerasse somente essa retextualização, tal conclusão seria pertinente.

No entanto, no exame das retextualizações para o gênero **relato escrito** foi possível observar a recuperação, o resgate, pelo retextualizador, da relação de MOTIVO, através do uso de orações ‘causais’/‘explicativas’, como mostram as estruturas arroladas abaixo:

(20) “pois as mais velhas estão entrando na adolescência” (R2)

(21) “pois as mais velhas estão entrando na adolescência agora” (R4)

(22) “pois suas filhas mais velhas estão entrando agora nessa fase” (R5)

(23) “porque agora que os nossos filhos mais velhos estão entrando nessa fase” (R5)

(24) “porque as mais velhas já estão na adolescência” (R11)

(25) “como as mais velhas estão entrando na adolescência agora” (R12)

Ainda com relação a esse trecho ocorreu um fato interessante: a relação de MOTIVO materializou-se lingüisticamente como uma oração concessiva, como se vê abaixo:

(26) “apesar de as mais velhas já estarem entrando na idade da adolescência” (R1)

Sabe-se que as construções concessivas se relacionam com as construções causais, dentre outras, pelo fato de expressarem, de alguma forma, uma conexão ‘causal’ tomada em sentido amplo, como é o caso aqui. Explica-se, assim, o uso dessa estrutura em meio a tantas ‘causais’/ ‘explicativas’ que aparecem nas demais retextualizações.

2.4 Retextualizações do oral para o escrito sem mudança de gênero

Para encerrar a presente análise, discute-se, a seguir, uma das retextualizações caracterizada na quarta parte do *corpus* aqui analisado, quais sejam as **narrativas de experiência pessoal**, oral e escrita. Como já foi dito anteriormente, tais narrativas pertencem ao *corpus* trabalho por Decat (1993) para análise das relações hipotéticas adverbiais em português.

O texto-base (a narrativa oral) e a retextualização (narrativa escrita) são transcritos na íntegra. Neles foram selecionadas algumas estruturas para a discussão que aqui se empreende.

É oportuno lembrar que nesse tipo de retextualização não houve mudança de gênero. Convém esclarecer, também, que o retextualizador não teve acesso ao texto oral que ele mesmo havia produzido; e a retextualização para o escrito foi efetuada imediatamente após a produção do texto oral pelo informante.

(27) Narrativa oral (texto-base)

“eu tive um outro acidente também que eu lembro...que eu tinha cinco anos¹²...eh que eu cortei o pulso...aí esse eu lembro gozado porque a a:: lembrança que eu tenho do meu avô...paterno...meu avô paterno morreu mais ou menos nessa época...isso eu lembro direitinho eu tava num lote vago lá ao lado lá de casa...aí eu acho que eu tava apanhando...umas florzinhas que tinha no lote assim...aí na hora que eu fui baixar pra apanhar uma acho que eu...tropecei e enfiei a:: o pulso num caco de vidro né?...aí saiu aquela...quantidade de sangue e tal...e eu lembro mais ou menos...essas cenas (por exemplo era)...eu tinha uns cinco anos eram umas cenas que eu lembro dessa época...dessa idade assim né?...de:: de:: cinco anos...quer dizer o SANGue aquele neGÓcio meu avô que...fez uma...né?...uh... – eu não sei como é que chama isso... – é um torniquete né? pra num...pra parar o sangue e

tal aí o pessoal me levando pra dar os pontos deu os pontos...isso aí é um negócio que eu lembro...” (NDO 1M)

Oralidade e escrita:
a articulação de
cláusulas no processo
de retextualização em
português

(28) Narrativa escrita (retextualização)

“Quando eu tinha 5 anos¹³, passei por uma situação que me marcou muito, pois a ela eu associo algumas lembranças de minha infância. Estava brincando num lote vago ao lado de minha casa, catando algumas flores amarelas que nasciam ali sem que ninguém as plantasse. Numa certa hora, tropecei em algo e caí com o pulso direito em cima de um caco de vidro. Imediatamente jorrou uma grande quantidade de sangue. Corri, aos berros, para dentro de casa.

Quem me socorreu foi meu avô paterno, e talvez essa seja a única lembrança que tenho dele, pois morreu nesta época. Ele fez um torniquete que estancou o sangue. Minha mãe pediu ajuda um vizinho que possuía um automóvel e me levaram ao Pronto Socorro, onde levei 7 dolorosos pontos. Me lembro com clareza do caminho p/ o Pronto Socorro e de como eu gritei ao ser “costurado”.

É através das imagens desse acidente que me recordo perfeitamente da paisagem em que vivia aos 5 anos: a minha casa com um grande galinheiro no quintal, o lote vago onde brincávamos, a casa do vizinho com um abacateiro enorme, a construção de um prédio na esquina...” (NE1M)

A exposição a seguir será feita tomando-se separadamente cada grupo de estruturas sublinhadas nos textos acima.

A – oração independente x oração adverbial temporal

(29) “eu tive um outro acidente também que eu lembro...que eu tinha cinco anos” (Narrativa oral¹⁴)

(30) “Quando eu tinha 5 anos” (Narrativa escrita¹⁵)

A reformulação operada em (30) atende ao mesmo objetivo pragmático-discursivo do texto-base (NO), qual seja o de **orientar** o ouvinte/leitor para o que vem a seguir. Assim, a estratégia de substituição de uma estrutura por outra manteve o conteúdo informacional do texto-base e veiculou tal conteúdo por intermédio de um **satélite** de ‘realce’ que, nos termos de Halliday (1985/1994), **expande** a oração-núcleo *passei por uma situação que me marcou muito*, que é a oração narrativa propriamente dita, conforme apontado por Labov & Waletzky (1967).

Uma observação mais atenta do enunciado do texto-base (NO) permitirá postular que a idéia temporal já podia ser ali detectada. Isso porque os segmentos *que eu tinha cinco anos* e *que eu cortei o pulso* permitem uma leitura temporal.

¹³ Grifos meus
¹⁴ Doravante NO
¹⁵ Doravante NE

B – 1. oração encaixada x oração reduzida de gerúndio

(31) “aí eu acho que eu tava apanhando...umas florzinhas que tinha no lote assim...” (NO)

(32) “catando algumas flores amarelas que nasciam ali sem que ninguém as plantasse.” (NE)

A informação veiculada, no texto-base, por uma estrutura com oração encaixada é materializada lingüisticamente, no texto escrito, por uma oração reduzida de gerúndio, que está numa relação de **seqüência** com a oração anterior: *estava brincando* =====> (*estava*) *catando*. Pode-se, por outro lado, postular que essa estrutura do texto escrito manifesta uma relação de **expansão por elaboração paratática** da oração anterior. Ou seja, ela ‘continua’ a ação mencionada antes, a ação de ‘brincar’.

2. advérbio de modo x oração modal/concessiva¹⁶

Nos trechos arrolados em (31) e (32) acima destaca-se uma ocorrência interessante. Uma primeira leitura do item lexical “assim”, do texto-base (NO), poderia sugerir seu caráter de mero marcador discursivo, desprovido de carga semântica. No entanto, o exame do texto escrito provê um argumento para se considerar “assim” como um advérbio de modo: o uso da estrutura *sem que ninguém as plantasse*, referindo-se ao ‘nascimento’ de flores amarelas no lote vago. Constata-se, pois, o valor modal do advérbio “assim”, que tem, como postula Neves (2000:242), “uma natureza pronominal, funcionando como referenciador textual”, numa função catafórica, isto é, que remete para o que vem a seguir, seja no texto seja no discurso (visto aqui como a instância de enunciação). A reformulação aqui realizada consistiu na construção de uma oração modal, com o conector “sem que” como marca explícita dessa proposição relacional e o verbo no subjuntivo. A idéia negativa veiculada por esse conector permite que se detecte, na estrutura por ele encabeçada, uma nuance concessiva, além da modal. Dessa forma, a informação veiculada no texto-base (NO) através de um advérbio foi recuperada, no texto-final, por uma estrutura oracional. Essa reformulação por substituição de uma estrutura por outra tem objetivo textual-discursivo de atingir um maior grau de formalidade no texto escrito, além, é claro, de visar explicitude.

C - estrutura oracional x sintagma simples

(33) “na hora que eu fui baixar” (NO)

(34) “Numa certa hora” (NE)

Aquí ocorre o contrário do que foi visto acima: a reformulação se deu por **condensação**, ou seja, a uma estrutura oracional do texto-base corresponde

¹⁶ As subsecções 1 e 2 referem-se, ambas, aos exemplos (31) e (32).

um sintagma simples no texto-final, ambos com valor adverbial. Em outros termos, a uma oração adverbial temporal corresponde um sintagma adverbial de tempo, ratificando, assim, o caráter adverbial da estrutura oracional em discussão.¹⁷

D - oração aditiva (reduzida) + oração final x oração coordenada aditiva

(35) “aí o pessoal me levando para dar os pontos deu os pontos” (NO)

(36) “e me levaram ao Pronto Socorro, onde levei 7 dolorosos pontos” (NE)

Note-se, na estrutura pertencente ao texto-base (NO), o caráter aditivo do segmento *aí o pessoal me levando* em relação ao segmento precedente. A essa oração reduzida corresponde, na retextualização refletida no texto escrito (NE), uma oração coordenada também de valor aditivo – *e me levaram ao Pronto Socorro*. Assim, manteve-se a relação paratática.

Além disso, uma outra estrutura foi objeto de reformulação visando à explicitude: à oração independente *deu os pontos*, no texto-base (NO), corresponde uma relativa apositiva no texto escrito (NE) – *onde levei 7 dolorosos pontos*. Estruturas como essa são freqüentemente tratadas como **adendo**, tratando-se, portanto, de uma estrutura que expande outra, apresentando detalhes adicionais.

Considerações finais

A análise aqui apresentada está longe de esgotar-se em si mesma. Ao contrário, ela está sujeita a novos tratamentos e a novas interpretações, dependendo, evidentemente, da leitura que venha a ser feita dos fatos aqui discutidos. O objetivo é que essa análise contribua para ressaltar o papel crucial da **compreensão** na atividade de retextualização, principalmente quando nessa atividade estão envolvidos vários usuários da língua, ficando a retextualização sujeita a diferentes interpretações do texto-base. Essa variedade de interpretações pode trazer textos finais com relativa alteração do sentido veiculado no texto-base, alteração essa resultante de determinadas crenças por parte do usuário da língua. Exemplo disso ocorreu com as várias retextualizações obtidas do texto do NURC, analisado acima. No final do texto, a fala do Locutor 1 (L1) – *enfim...o futuro pertence a Deus e não...a nós* – recebe, na modalidade escrita, alterações como:

- *mas o futuro pertence a Deus e não a nós* (R3)
- *mas, o futuro...só a Deus...pertence.* (R5)
- *Entregamos tudo nas mãos de Deus, já que o futuro pertence a Ele e não a nós* (R9)
- *Porém, o futuro pertence a Deus e não a nós* (R13)

¹⁷

Isso vem comprovar o que postulei (Decat 1993 e 2001), quando discuti o caráter adverbial de estruturas que, como essa, são tratadas pela NGB como contendo uma oração relativa restritiva.

Ocorrências como essas evidenciam uma leitura em que uma proposição relacional de ‘contraste’, ‘oposição’ é detectada. Isso explica a presença dos operadores argumentativos “mas” e “porém” nas estruturas resultantes da retextualização. Poder-se-ia mesmo dizer que a presença desses operadores antecipa a noção de ‘oposição’ veiculada, de alguma forma, pelo conectivo ‘aparentemente’ aditivo “e”, presente no texto-base, que estaria opondo Deus *versus* homens nas decisões quanto ao futuro. Noção semelhante é trazida pelo conector “já que” (R9), que estaria materializando lingüisticamente a idéia de justificativa, ou mesmo explicação, do enunciado anterior, que, de modo geral, refletia as crenças dos usuários.

Finalmente, resta dizer que, levando em conta a articulação de orações, através de uma atividade como a de transformar um texto em outro, acredito ser possível detectar a organização discursiva e os objetivos comunicativos a partir do modo como as orações se combinam. É, pois, a gramática refletindo o discurso, refletindo as opções do falante na organização de seu texto. Essas opções encontram, na atividade de retextualização, uma fonte de estudo bastante produtiva.

Abstract

The present study investigates clause-combining in Portuguese, addressing the problems that emerge in converting oral texts into written texts, as well as written texts into other written texts, with or without a change in genre. The article focuses on strategies such as substitution, addition, reordering and condensing. Given the strategies used in the conversion process, the objective is to verify to what extent clause adverbial relations are maintained and realized linguistically in the final written version of the text.

Key-words: clause combining; conversion process; oral and written language

Referências

CASTILHO, Ataliba T.de; PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: materiais para seu estudo. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

DECAT, M^ª Beatriz Nascimento. *“Leite com manga, morre!”: da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo: PUC, 1993. (Tese. Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas).

DECAT, M^ª Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M.B.N.; SARAIVA, M.E.F.; BITTENCOURT, V.O.; LIBERATO, Y.G. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p.103-166.

DECAT, M^ª Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta* (Lingüística e

Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1^o sem. 1999, p.23-38.

DINIZ, M^a Cristina de M. *Da escrita para a escrita: a articulação de orações no processo de retextualização*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2002. (Dissertação. Mestrado em Língua Portuguesa).

HALLIDAY, M.A.K. (1985) *An introduction do functional grammar*. 2 ed. London: Edwards Arnold Publishers Ltd., 1994.

KATO, Mary. (1985). *O aprendizado da leitura*. SP. Martins Fontes.

LABOV, William; WALETZKY, J. Narrative Analyses: oral versions of personal experience. In: *Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society 1966. Proceedings*. Seattle: University of Washington Press, 1967. (Ed. June Helm. *Essays on the verbal and visual arts*).

MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. *Relational propositions in discourse*. Berkeley: University of Southern California, 1983. (ISI/RR - 83 - 115)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam*. (Em preparação).

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988, p. 275-329.

NEVES, M^a Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROSA, Célia. *Do oral ao escrito: trajetória de uma retextualização coletiva*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2000. (Dissertação. Mestrado em Língua Portuguesa).

Falta Normas para
apresentação de trabalhos
na revista VEREDAS